



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 4, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 4 - EDUCAÇÃO E CULTURA. EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE.
DESCOLONIZAÇÃO DO SABER. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.04.04>

Recebido em: **03/08/2020**

Aprovado em: **04/08/2020**

Educação escolar entre os Yanomami do Amazonas: pioneiros passos de um sergipano
School education among the Yanomami of Amazonas: pioneering steps by a sergipano
La educación escolar entre los yanomami de Amazonas: pasos pioneros de un sergipano

LEONARDO FERREIRA DE ALMEIDA

Resumo

O presente artigo objetiva evidenciar os primeiros passos da educação escolar realizados nas comunidades Yanomami de Maturacá e de Marauaiá, no Amazonas. Este pioneiro movimento de educação junto a estes indígenas foi promovido pelo missionário sergipano Antônio Góes, no decorrer das décadas de 1950 e 1960. Tomando como instrumento de análise a abordagem da História Cultural, é possível conhecer as pioneiras contribuições desenvolvidas por este salesiano para oferecer a educação escolar aos nativos, bem como as homenagens a ele ofertadas por sua trajetória junto aos indígenas. Sua atuação no campo da educação Yanomami está relacionada à marcante resistência aos colégios-internatos bem como ao ensino do plantio, da colheita e do preparo de alimentos que contribuíram para a melhoria do autossustento das comunidades autóctones.

Abstract

This article aims to highlight the first steps of school education carried out in the Yanomami communities of Maturacá and Marauaiá, in Amazonas. This pioneering movement of education among these indigenous people was promoted by the Sergipe missionary Antônio Góes, during the 1950s and 1960s. Taking the approach of Cultural History as an instrument of analysis, it is possible to know the pioneering contributions developed by this Salesian to offer the school education for these natives, as well as the tributes offered to him for his trajectory with the indigenous people. Its performance in the field of Yanomami education is related to the marked resistance to boarding schools as well as to the teaching of planting, harvesting and preparing food that contributed to the improvement of self-support in indigenous communities.

Resumén

Este artículo tiene como objetivo destacar los primeros pasos de la educación escolar llevados a cabo en las comunidades yanomami de Maturacá y Marauaiá, en Amazonas. Este movimiento pionero de educación entre estos pueblos indígenas fue promovido por el misionero de Sergipe, Antônio Góes, durante las décadas de 1950 y 1960. Tomando el enfoque de la Historia Cultural como instrumento de análisis, es posible conocer las contribuciones pioneras desarrolladas por este salesiano para ofrecer el educación escolar para estos nativos, así como los homenajes que le ofrecieron por su trayectoria con los pueblos indígenas. Su desempeño en el campo de la educación yanomami está relacionado con la marcada resistencia a los internados, así como con la enseñanza de la siembra, la cosecha y la preparación de alimentos que contribuyeron a mejorar la autosuficiencia en las comunidades indígenas.

Introdução

Tomando como instrumento de análise a abordagem teórico-metodológica da História Cultural, o presente artigo objetiva evidenciar os primeiros passos da educação escolar realizados nas comunidades Yanomami de Maturacá e de Marauaiá, no estado do Amazonas. Este pioneiro movimento de educação junto a estes indígenas foi promovido pelo missionário salesiano Antônio José Góes, no decorrer das décadas de 1950 e 1960, com o apoio de outros religiosos e moradores da região do Alto Rio Negro.

Este padre, de origem sergipana, é considerado, consoante se observa na vasta literatura nacional e estrangeira, o primeiro não indígena a estabelecer contato permanente e pacífico com os variados grupos Yanomami do estado do Amazonas, principalmente, com os nativos que formariam, após os primeiros contatos, as comunidades de Maturacá, localizada município de São Gabriel da Cachoeira, e de Marauaiá, situada no município de Santa Isabel do Rio Negro (ALMEIDA, 2018; 2020).

Os Yanomami compreendem grupos indígenas bastante conhecidos nacional e mundialmente, pelo fato de terem mantido, até décadas atrás, a cultura tradicional, isenta de influências da sociedade não indígena envolvente. Desde 1992, com a criação da Terra Yanomami, homologada durante o governo de Fernando Collor, os nativos deste grupo étnico estão localizados em um vasto território com abrangência de 96.650km², o qual contempla partes dos estados de Roraima e do Amazonas. Neste último, a presença Yanomami se configura, precisamente, nos municípios de Barcelos, de São Gabriel da Cachoeira e de Santa Isabel do Rio Negro (MENEZES, 2010; AGUIAR & WEIGEL, 2020).

Como missionário salesiano, padre Antônio Góes seguiu preceitos da pedagogia de Dom Bosco, fundador da Congregação São Francisco de Sales, a qual tinha como um dos propósitos oferecer, nas escolas ou nos internatos, educação e evangelização para crianças e jovens carentes, no sentido de reintegrá-los à sociedade. De forma análoga, os salesianos em atuação na Amazônia, especialmente, na região do Alto Rio Negro, compreendiam os indígenas como essas crianças e jovens desamparados que precisavam ser integrados à sociedade ocidental (MENEZES, 2010; AGUIAR & WEIGEL, 2020). Esta visão dos salesianos em relação aos indígenas está, do mesmo modo, associada a um apelo que o Papa Pio IX fez a Dom Bosco no sentido de que, na América Latina, os seguidores de sua congregação católica se voltassem para a catequização dos índios (COSTA, 2009).

Apesar de ter encaminhado, no início de sua atuação junto aos indígenas, várias crianças e jovens, de ambos os sexos, para estudarem em internatos, padre Góes tornou-se um dos primeiros salesianos de atuação na Amazônia, a questionar, desde a década de 1950, o papel destas instituições, preocupando-se em desenvolver estruturas modestas nos prédios das missões para que servissem de ambientes escolares. Este modo de oferecer a educação visava fazer com que as crianças e os jovens nativos permanecessem com as suas famílias e, conseqüentemente, não se afastassem de suas comunidades, contribuindo, desta forma, para evitar o desaparecimento de suas raízes culturais (ALMEIDA, 2020).

Analisando a atuação do padre Antônio Góes, situando-o como homem de seu tempo e de seu espaço, assim como propõe os estudos em História Cultural, ao buscar compreender o “outro” em seus respectivos ‘tempo’ e ‘espaço’ (ASSUNÇÃO, 2010), neste artigo, é possível conhecer as pioneiras contribuições desenvolvidas por este sacerdote sergipano para oferecer a educação escolar aos Yanomami. A análise com enfoque na História Cultural foi feita por meio da coleta, seleção, organização, interpretação e discussão das informações presentes em importantes fontes bibliográficas acerca do tema.

Trajetórias do padre Antônio Góes

Padre Antônio José Góes, o quarto filho do casal Valentim José de Góes e Genoveva Maria do Sacramento, nasceu em Itabaiana, cidade serrana do agreste de Sergipe, no dia 13 de junho de 1918, recebendo este nome em homenagem ao santo do dia de seu nascimento e padroeiro de sua terra natal. De seu núcleo familiar, desabrocharam outras duas vocações religiosas: o seu irmão mais velho, também padre salesiano, Paulo Leandro de Góes (1916 – 1995) e sua irmã mais nova, a freira Josefa Germana de Góes (1922 – 1988), Irmã das Filhas de Maria Auxiliadora (ALMEIDA, 2018).

Sua trajetória religiosa iniciou-se em 1928, quando ingressou no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em Aracaju, onde realizou seus estudos primários. Em 1932, foi direcionado para estudar na Escola Salesiana da Colônia São Sebastião, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, onde iniciou seus estudos secundários, dedicando-se aos conteúdos filosóficos. Começou a fazer parte, definitivamente, da Congregação de São Francisco de Sales, em 1935, quando concluiu o noviciado (ALMEIDA, 2018).

Aos 27 anos de idade, Antônio Góes ordenou-se sacerdote em 08 de dezembro de 1945. Dentre os seus correligionários que se ordenaram neste mesmo dia, estava o seu conterrâneo sergipano, o então padre Nestor Rabelo Sampaio, natural da cidade de Riachuelo. O nome deste sacerdote é atribuído a uma avenida que interliga importantes bairros de Aracaju, capital sergipana (ALMEIDA, 2018).

Depois de ordenado, padre Antônio teve breves passagens nas instituições salesianas em Jaboatão dos Guararapes (PE), em Recife (PE) e em Belém (PA), sendo, depois, enviado pelos seus superiores para a região do Rio Negro, Amazonas, atuando como conselheiro no colégio salesiano de Tapuruquara (atual Santa Isabel do Rio Negro), em 1949, como diretor da Missão de São Gabriel da Cachoeira, em 1952, e como diretor do colégio salesiano em Iauareté, em 1953 (ALMEIDA, 2018).

Desde quando começou a trabalhar na região do rio Negro, padre Antônio ouvia falar sobre indígenas que viviam nas redondezas do rio Cauaburis, nas imediações do Pico da Neblina. Estes eram conhecidos pelos moradores rionegrinos como “*macus do mato*”, bem como identificados como índios ferozes, violentos e raptadores. Em abril de 1952, o sacerdote foi procurado por três caboclos da região de São Gabriel, o senhor João Tavares e seus filhos Eugênio e Edson, os quais contaram ao salesiano que fizeram contato com dois destes indígenas no igarapé da aliança, em um ponto do rio Cauaburis (ALMEIDA, 2018).

Logo, desejando contatar os Yanomami de forma pacífica, o religioso obteve apoio do prefeito e residentes de São Gabriel da Cachoeira, assim como logrou junto aos seus superiores salesianos a desejada licença, e, juntamente com Edson e Eugênio Tavares, além de um amigo da família Tavares, partiu rumo ao encontro com os nativos. De acordo com o que está registrado em uma crônica escrita pelo próprio padre Antônio Góes, o seu pioneiro contato com indígenas Kohoroxithari, um dos grupos Yanomami, ocorreu precisamente no dia 11 de setembro de 1952 (LAUDATO, 1983; BIOCCA 1966; ALMEIDA, 2018; 2020).

Este primeiro encontro só foi feito com índios homens, jovens e adultos, no canal de Maturacá, onde anos mais tarde seria edificada uma missão católica pelo padre Góes. Após este pioneiro encontro, padre Góes fez mais duas excursões ao rio Cauaburis, realizando novos contatos com estes nativos. Somente na quarta expedição, em meados de maio de 1953, foi que o padre Góes conseguiu entrar na aldeia dos Kohoroxithari, que ficava no sopé do Pico da Neblina (BIOCCA, 1966; ALMEIDA, 2020).

A motivação para realização destes contatos residia no propósito que o padre Góes tinha de amenizar a tensão que moradores rionegrinos viviam, visto que muitos destes pensavam que os Yanomami eram índios violentos e saqueadores e, por conta disso, poderiam invadir as cidades. Padre Antônio pretendeu fazer este contato pacífico como forma de amenizar toda esta tensão, além de seguir os preceitos de sua congregação em promover a evangelização. Além disso, há uma hipótese para explicar a necessidade que os próprios Yanomami tinham em fazer contato pacífico com os brancos.

A provável explicação era que os antepassados Kohoroxithari, que viviam de forma seminômada na região do sopé do Pico da Neblina e que tinham se envolvido em inúmeros conflitos com seringueiros e balateiros nas décadas de 1930 e 1940, gozavam de um breve momento de trégua no início dos anos de 1950. Devido a este tempo, almejavam obter, por meio dos não indígenas, instrumentos como facas, panelas, ganchos e até medicamentos, com o intuito de melhorar a sua sobrevivência (SEITZ, 1963; COCCO, 1972; FERGUSON, 1995; ALMEIDA, 2020).

Vale reforçar que a pioneira entrada do missionário sergipano no xapono (aldeia) dos Kohoroxithari, no ano de 1953, foi um acontecimento sem antecedentes, tanto para os Yanomami quanto para todos os não indígenas, o que, inevitavelmente, acarretaria mudanças no rumo histórico dos contatos entre estes indígenas e a população rionegrina, como também na evolução social e cultural destes nativos recém-contatados (ALMEIDA, 2020). Como frisa o antropólogo Menezes (2010, p. 68), em sua tese de doutorado, “*o encontro dos Yanomami com o padre Góes é um evento histórico dos mais marcantes na trajetória do grupo*”.

Dos pioneiros contatos realizados desde 1952, rendeu uma vida de muito respeito e dedicação missionária aos Yanomami. Deste movimento, floresceram duas missões salesianas: “Nossa Senhora de Lourdes”, em Maturacá e “Sagrada Família”, em Marauíá, edificadas, respectivamente, em 1954 e 1961. Estas missões vigoram até os dias atuais, devido ao empenho e entrega de muitos padres, párocos e irmãos salesianos. A missão Nossa Senhora de Lourdes, atualmente, está sob a direção do padre Raimundo Marcelo Maciel e a missão Sagrada Família do Marauíá tem como encarregado o padre Francisco Alves (ALMEIDA, 2018; 2020).

Padre Antônio Góes e internatos salesianos no Alto Rio Negro: do envio de indígenas à resistência

No sentido de compreender o significado de colégios-internatos, toma-se como referência a pesquisa de doutorado desenvolvida pelo professor Joaquim Tavares da Conceição, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Conforme registrado na tese deste autor, o internato consiste em:

(...) um modelo escolar, com práticas educativas próprias, caracterizado pelo isolamento do mundo (controle das saídas, do tempo de férias, entrada de jornais, correspondência, controle de livros e revistas e da intervenção de pessoas estranhas) e pela formação integral através da utilização de uma determinada organização e controle do tempo e do espaço. O seu estudo desafia um olhar para o detalhe a fim de produzir interpretações sobre padrões e significados simbólicos desse fenômeno histórico cultural, podendo revelar de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior (CONCEIÇÃO, 2012, p.14).

Dentre as várias organizações que desenvolveram este modelo escolar, com controle do tempo e do espaço, está a Congregação São Francisco de Sales, fundada por Dom João Bosco, que atua em diversos cantos do planeta, inclusive no Brasil, onde a presença salesiana é bem marcante em várias regiões, entre elas, a da Amazônia brasileira.

No âmbito do estado do Amazonas, em especial na região do Alto Rio Negro, importantes comunidades dos municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, foram marcadas pela existência de internatos construídos desde a chegada da Congregação Católica São Francisco de Sales nesta região, que se deu efetivamente no ano de 1916. Antes da chegada dos salesianos, outras ordens religiosas já tinham atuado, desde a segunda metade do século XVII, junto à população rionegrina, tais como Jesuítas, Carmelitas, Mercedários, Capuchinhos e Franciscanos. A

presença dos filhos de Dom Bosco, ainda hoje vigorante, é a mais longa e ininterrupta quando comparado às das outras ordens de atuação no rio Negro (COSTA, 2009).

Consoante o padre salesiano Justino Sarmiento Rezende, indígena da etnia Tuyuca e que foi ex-aluno do internato localizado na missão de Pari-Cachoeira (município de São Gabriel da Cachoeira) entre os anos 1970 a 1979, os salesianos iniciaram suas atividades sistemáticas entre os indígenas por meio de ações de “*evangelização, catequese, escolarização e profissionalização*”, impactando, inevitavelmente, as culturas autóctones. Ao implantarem os métodos de ensino-aprendizagem da pedagogia salesiana, provocaram diversas sensações como “*estranhamentos*”, “*medos*”, “*tramas*”, “*traumas*” e “*apegos*” a estes métodos, como vemos hoje (REZENDE, 2009, p.39).

O sacerdote Rezende, que, quando muito jovem, sentiu na pele o que foi ser aluno de um internato, lembra que:

Com estes métodos nos ensinaram a falar a língua portuguesa, símbolo do progresso e da civilização.

Assim, quem aprendia a falar o português já se considerava “branco” e considerava quem não aprendia como “índio”! Nós fomos incorporando essa mentalidade a tal ponto que acreditamos que o estudo e a língua portuguesa nos tornariam “brancos”. Essas situações foram situações de “medo” e de “traumas” no internato.

(...)

A parte religiosa exercia influência muito forte na formação indígena na época em que estava no internato, ajudava a vivermos numa sensação de bem-estar e, ao mesmo tempo, causava medo da morte, do inferno, do pecado.

(...)

O internato significava lugar de estudo. E a vida funcionava de forma bem organizada, com os horários detalhados, disciplinas e outros controles que favoreciam a aprendizagem (REZENDE, 2009, p. 42-43).

Desta forma, depreende-se que a educação escolar entre os índios do Alto Rio Negro, inclusive com os Yanomami, seguiu os moldes do processo de catequização desenvolvido desde a época da chegada dos portugueses. À medida que ensinava os nativos a ler, escrever e falar a Língua Portuguesa, oportunizava-se para apresentar o cristianismo e os valores da sociedade envolvente (SIMAS, 2012).

Quando iniciou sua trajetória salesiana no Alto Rio Negro, padre Antônio Góes atuou como conselheiro escolar no internato localizado no centro urbano da antiga Tapuruquara (atual Santa Isabel do Rio Negro) entre 1949 e 1951, bem como exerceu o cargo de diretor do internato de Iauareté, na margem do rio Uauapés, no município de São Gabriel da Cachoeira, situado no território de fronteira com a Colômbia. Nesta instituição, permaneceu somente por um ano, em 1953, momento em que estava realizando seus primeiros contatos com os Yanomami da região do rio Cauaburis (ALMEIDA, 2020).

Este tempo de exercício religioso nestas instituições se somaram ao longo tempo de formação sacerdotal do padre Góes que se deu em colégios-internatos e seminários salesianos. Logo, diante deste tempo de formação e atuação nestes ambientes de isolamento, o missionário sergipano tinha a vivência e a compreensão do que os internatos poderiam proporcionar aos indígenas em termos de impacto em suas culturas.

Mesmo com sua vivência e compreensão acerca do papel dos internatos, padre Antônio, após realizar seus contatos pioneiros com os Yanomami do Cauaburis e fundar a primeira missão salesiana entre

estes nativos, a missão Nossa Senhora de Lourdes, erguida em 1954, no canal de Maturacá (tributário do Cauaburis, município de São Gabriel da Cachoeira), enviou alguns jovens e crianças desta etnia para as instituições de Santa Isabel do Rio Negro e de Iauareté. Apesar disso, a proposta dos internatos muito o apreendia. Ele carregava consigo a noção de que a distância da aldeia e o afastamento imposto nos internos afetavam a cultura e a dinâmica dos grupos indígenas (ALMEIDA, 2018; 2020).

Na época em que a casa missionária Nossa Senhora de Lourdes completava dois anos, o sacerdote carregava a esperança de que esta recém-criada missão pudesse proporcionar aos nativos *“a possibilidade de uma educação cristã sem movê-los de suas áreas”*. E complementava, expressando a preocupação de que *“se, de fato, estes índios se afastarem de suas casas, isso vai acabar com o desaparecimento de suas raízes, tal como já aconteceu com outras tribos”* (GÓES, 1956, p. 103).

A preocupação do padre sergipano, registrada a quase sete décadas atrás, vai ao encontro à visão do seu correligionário Justino Rezende, o qual alega que, lembrando o que viveu e presenciou como interno, *“o ritmo dos internatos não favorecia aos jovens o aprendizado das culturas autóctones, pois também se proibia realizar as cerimônias e os rituais indígenas nas aldeias”* (REZENDE, 2009, p.43).

Outro motivo para o padre Góes apresentar a vontade de promover o processo de alfabetização dos índios contatados na missão residia no fato de ele compreender que entre os Yanomami, especialmente entre os adultos, havia muita resistência aos internatos. Alunos internos da instituição escolar de Santa Isabel do Rio Negro recordam que não eram raras as vezes em que os pais Yanomami, inconformados com a distância de seus filhos da aldeia, iam até à instituição para levarem seus filhos de volta aos seus xaponos. Muitas vezes, os salesianos e os funcionários da escola não conseguiam convencê-los em deixar os seus filhos permanecerem. Somente o padre Góes, quando coincidia de estar presente em Santa Isabel, conseguia realizar o feito de convencer os pais indígenas a não se revoltarem com a instituição e voltarem para suas aldeias sem levar os filhos, apesar de ser sensível aos seus clamores. O sacerdote queria, pelo menos, manter aqueles que já estavam estudando nos internatos para continuarem seus estudos até se tornarem os futuros professores que iriam ensinar os seus parentes na própria comunidade (ALMEIDA, 2020). Frisa-se que alguns pais Yanomami passaram a proibir que outras crianças mais novas fossem para os internatos (FERREIRA, 2017).

Seguindo o propósito de proporcionar o processo de educação na missão recém-fundada, padre Góes aproveitou um pequeno galpão do prédio como espaço escolar. Para realizar um processo gradual de alfabetização na língua portuguesa, o sacerdote trouxe três professoras não-indígenas para a comunidade de Maturacá. Ao mesmo tempo, ele se disponibilizava a aprender a língua Yanomami, a qual era bem diferente das demais tribos rionegrinas, a fim de facilitar a sua comunicação e o seu relacionamento com estes grupos indígenas (SIMAS, 2013; ALMEIDA, 2020).

Dom Walter Ivan de Azevedo, bispo emérito de São Gabriel da Cachoeira, chama a atenção para o fato de o padre Antônio, mesmo com a escola já funcionando na missão, continuar mantendo alguns jovens Yanomami em Santa Isabel do Rio Negro. A proposta era que aqueles que já estivessem no processo mais adiantado de leitura e de escrita pudessem ter acesso à catequese nos internatos, para que, futuramente, estivessem aptos a atuarem como professores de seus parentes (AZEVEDO, 2007).

A educação escolar na comunidade de Maturacá se deu em um dos aposentos da missão de 1954 até 1970, quando foi criada a Escola Reunida Imaculada Conceição de Maturacá, que depois passou a ser parte da Unidade Educacional Dom Pedro Massa, em 1971, e, nos anos seguintes, precisamente em 1977, tornou-se uma unidade escolar conveniada a Diocese de São Gabriel da Cachoeira e a Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC (SIMAS, 2012). No tempo da construção da Escola Imaculada Conceição, padre Góes já estava atuando na segunda missão entre os Yanomami fundada por ele, na comunidade de Marauaiá, onde se estabeleceu desde 1961.

A partir de 1961, padre Góes fundou a segunda missão salesiana entre os Yanomami do Amazonas, a missão Sagrada Família, localizada na comunidade de Marauíá, na região do rio Marauíá. Lá existiam outros grupos da mesma estirpe étnica, sendo que alguns destes já tinham entrado em recorrentes conflitos, tempos antes, com os índios de Maturacá. O trabalho com os nativos do Marauíá teve semelhanças com o desenvolvido entre os indígenas de Maturacá, pelo fato de o padre Góes ter levado alguns jovens e crianças para estudarem no internato de Santa Isabel do Rio Negro com o propósito de que eles se tornassem futuros professores de seus parentes nas comunidades. Outro ponto semelhante foi a construção de um espaço escolar na própria missão, visto que a resistência a internatos por parte do sergipano só aumentava, pois ganhava um ingrediente a mais como motivação, os preceitos do Concílio Vaticano II (ALMEIDA, 2020).

O Concílio Vaticano II compreendeu o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica. A convocação para a sua criação ocorreu em dezembro de 1961 pelo Papa João XXIII, mas a sessão inaugural ocorreu somente em outubro de 1962. Após quatro sessões em que reuniu membros da igreja de todos os cantos do planeta, que apresentavam diferentes experiências e vivências missionárias, o Concílio terminou em dezembro de 1965, sob o papado de Paulo VI[1]/[2], tendo como produto o Decreto “*Ad Gentes*”.

Com o advento do Decreto “*Ad Gentes*”, levou-se em consideração que, para a atividade missionária, é preciso reconhecer as particularidades e os dinamismos dos diferentes povos, no sentido de respeitar e valorizar os ritos e as culturas dos nativos. Para tanto, os missionários deveriam realizar o processo de evangelização com prudência, isentando-se de posturas impositivas e etnocêntricas (ALMEIDA, 2020).

O salesiano Dom Walter reforça que o Decreto “*Ad Gentes*” do Concílio Vaticano II contribuiu para orientar, de forma positiva, a ação apostólica, visto que se verificou que houve, por parte dos missionários católicos, um maior respeito às tradições dos povos originários e um maior cuidado na apresentação dos elementos da sociedade envolvente. Do mesmo modo, o bispo emérito de São Gabriel da Cachoeira lembra que, mesmo antes do Concílio, o padre Antônio Góes, dentro do conhecimento e limitações que tinha, já desenvolvia a sua ação apostólica com muita dedicação, empatia e solidariedade, evitando imposição de práticas e desaparecimento de elementos culturais e identitários das comunidades Yanomami nas quais atuou (AZEVEDO, 2007; ALMEIDA, 2020).

Correligionários salesianos do padre Antônio frisam que, pelo fato de nas missões salesianas entre os Yanomami não terem construídos grandes colégios sob o regime de internatos, este movimento do fundador destas missões contribuiu para que os indígenas das comunidades de Maturacá e de Marauíá mantivessem importantes tradições no cotidiano, como, por exemplo, os rituais de cremação dos mortos e o uso do paricá[3] pelos líderes da aldeia. Padre Justino enfatiza que “*isso foi uma demonstração que valeu ele ter feito, esta resistência ao modo de trabalhar com grandes colégios*” (ALMEIDA, 2020, p.108).

O salesiano Irmão José Gulli, o qual foi contemporâneo e conviveu com o padre Góes, rememora que seu colega sergipano fazia de tudo para não construir internatos, pois acreditava que aquela não era a maneira de promover uma educação para os indígenas. Para Gulli, esta resistência do padre Góes à edificação de internatos pode ter influenciado os demais missionários a não trabalharem com o regime de isolamento do educando de suas comunidades e tradições (ALMEIDA, 2020).

É preciso ressaltar que, apesar de ter tido um movimento de resistência aos internatos e fazer com que os nativos tivessem acesso a educação escolar no próprio espaço das missões Nossa Senhora de Lourdes, em Maturacá, e Sagrada Família, em Marauíá, padre Antônio manteve as práticas integracionistas tão presentes nas instituições salesianas (VIEIRA, 2018).

O ensinamento das técnicas de plantio e de colheita

Assim como a alfabetização em língua portuguesa e a catequese, outra marca muito evidente da

pedagogia salesiana era o ensino das técnicas de plantio e colheita de plantas e técnicas de criação de animais. Conforme o padre Justino Rezende, *no trabalho de roça, aprendíamos as técnicas de plantio, cuidado com a plantação e a técnica de colheita. Aprendíamos a cuidar da criação de animais: gado e porcos* (REZENDE, 2009, p. 42-43).

Entre as classes populares, os salesianos eram reconhecidos como educadores bastante engajados na promoção da educação popular e educação profissional, por meio dos oratórios festivos, dos liceus de artes e ofícios e das escolas agrícolas (COSTA, 2004). Desta forma, as atividades agrícolas no âmbito da pedagogia dos filhos de Dom Bosco se somavam a outras ações pedagógicas mais voltadas às artes, às ciências e a outros componentes curriculares programáticos. As atividades agrícolas mais comuns eram os manejos de hortas, roças, plantações e manutenção do pasto para o gado (FACÃO, 2008).

No início da atuação salesiana na região do Alto Rio Negro, a educação baseada no amanho racional da terra foi logo colocada como prioridade, lançando mão da distribuição de sementes e de instrumentos para o cultivo e colheita. Tinha-se a intenção de fundar escolas de agricultura primária ao lado de estabelecimentos de ensino elementar de cultura e artes. Buscava-se, por meio das atividades agrícolas, introduzir no povo, experimentalmente, a importância da benevolência das lavouras (MASSA, 1965; FACÃO, 2008).

Estas técnicas de ensino-aprendizagem, também, foram utilizadas pelo padre Antônio durante os anos de sua atuação nas comunidades de Maturacá e de Marauíá. Vale destacar que padre Antônio, enquanto cumpriu o seu ensino secundário, aspirantado e noviciado, estudou na Escola Agrícola São Sebastião, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, entre os anos de 1932 a 1935. Lá, padre Antônio aperfeiçoou seus conhecimentos de plantação e de cultivo que aprendeu com seus pais, os quais eram pequenos agricultores de Itabaiana – Sergipe, sua terra natal. Além disso, em Jaboatão, aprendeu novas atividades para o manejo de produtos agrícolas e para a criação de gado.

O ensino do plantio e da colheita de plantas frutíferas, de hortaliças e de tubérculos aconteceu desde os primeiros contatos do sergipano com os Yanomami destas duas regiões. De acordo o padre Luis Laudato (1998), o qual se tornou diretor da missão de Marauíá após o falecimento do padre Antônio, elucida que seu antecessor realizou a distribuição de ferramentas indispensáveis para o cultivo e para a colheita de plantas frutíferas e de hortaliças. A preocupação de seu colega salesiano, consoante Laudato, era fazer com que os nativos se tornassem, paulatinamente, autossuficientes na provisão de alimentos, bem como tinha o cuidado de não introduzir produtos que não tivessem utilidade ou que ocasionassem danos aos ritos e aos costumes dos Yanomami.

De acordo com o Irmão José Gulli, padre Góes costumava ficar bastante tempo nas comunidades indígenas, tempo este que ele muito se dedicava a ensinar aos nativos as técnicas de plantar, de cultivar a terra e de pescar. Porém ressalta, que tentou criar animais como porcos e gado e ensinar aos indígenas a técnicas de criação, mas este ramo da criação doméstica não vingou nas comunidades que ele atuou (ALMEIDA, 2020).

Em relação a este ponto, o bispo Dom Walter Ivan de Azevedo (2007) destaca que padre Antônio até chegou a construir chiqueiro, galinheiro e curral, mas que com o passar do tempo, só as plantações permaneceram. Todavia, a variedade de plantas frutíferas cultivadas era considerável: banana, mamão, laranja, limão, abacaxi, melancia, cupuaçu, pupunha, jambo, cana buriti, coco, entre outros frutos.

Padre Laudato (1998), diante do que experimentou e vivenciou junto aos Yanomami, durante o seu longo período de atuação e de convivência com estes indígenas, alega que as atividades agrícolas ensinadas, primeiramente pelo padre Góes, e depois pelos sucessores missionários, não impactaram negativamente a cultura Yanomami, mas reconhece que elas introduziram mudanças marcantes para o ritmo de vida autóctone, uma vez que, de seminômades, os nativos deste grupo étnico, passaram a

se fixar nas imediações das plantações, tornando-se, paulatinamente, sedentários.

Padre Laudato (1998) acentua que, mesmo havendo esta modificação evidente no ritmo de vida dos Yanomami das regiões de Maturacá e de Marauíá, estas comunidades diminuíram as excursões exacerbadas atrás de frutos e de caça que a floresta podia oferecer com seus imprevistos, vivendo assim momentos de paz e de serenidade. Estando próximos às plantações, os indígenas começaram a se dedicar a outras atividades, tais como artesanato, pesca e preparo de farinha.

Falando da mandioca e da farinha, padre Antônio ainda é lembrado como aquele que apresentou estes dois alimentos que fazem parte, junto à banana, dos principais elementos da culinária Yanomami. O sergipano introduziu a mandioca que é tão típica da região onde nasceu e, além de ensinar o cultivo deste tubérculo, tornou-se o primeiro a ensinar o preparo do beiju, da tapioca e da farinha, tão almejada por estes nativos antes mesmo de terem contatos permanentes com não-indígenas (ALMEIDA, 2020). O aventureiro Denisson Berwick, na ocasião em que estava visitando aldeias Yanomami, coletou dos próprios índios depoimentos que diziam que quando conheceram a farinha foi “amor à primeira vista” (BERWICK, 1992, p.71).

O próprio fundador da presença salesiana entre os indígenas de Maturacá e de Marauíá enfatiza que foi ele mesmo que introduziu entre os Yanomami:

“O cultivo de mandioca e de muitas outras plantas que eles não conheciam, assim como o primeiro animal doméstico. Apresentei as ferramentas de trabalho, especialmente ferramentas de corte, machados e foices, uma vez que essas ferramentas são mais necessárias para fazer o seu caminho na floresta. O único meio que eles tiveram até agora para abrir caminho foi o fogo” (GÓES, p.103).

É preciso destacar que o sergipano também foi o responsável por apresentar novos instrumentos para a pesca que, outrora, era feita por meio do uso de cipó ou do arco e flecha. Padre Góes introduziu o uso da vara e do anzol que muito contribuiu para o aumento da capacidade de obtenção de peixes de variados tamanhos. Além destes novos incrementos para a pesca, o sacerdote, com o apoio de ribeirinhos e visitantes que iam às missões, ensinou, principalmente aos mais jovens, as técnicas de nado e de construção de canoas, visto que estes nativos não sabiam nadar nem construir canoas (ALMEIDA, 2020).

Para os próprios Yanomami, estas técnicas de plantio, de colheita, de preparo de produtos, de pesca, de nado e de construção de canoas que foram deixadas pelo padre Antônio Góes e que depois foram continuadas com outros salesianos, possibilitaram maior capacidade de autossustento e de sobrevivência frente às intempéries naturais (ALMEIDA, 2020). A antropóloga Ferreira (2017), em sua pesquisa de mestrado, colheu relatos de lideranças tradicionais que reforçavam que, após o contato com o padre Góes, houve o aumento da variedade e a melhoria da qualidade alimentar. Após se estabelecerem perto das plantações e da missão, os nativos passaram a obter e a estocar alimentos quando fosse necessário. Os líderes tradicionais ainda vivos, sendo que alguns conheceram e conviveram com o fundador das missões salesianas, lembram que a introdução destas técnicas foi algo positivo para as comunidades.

Reconhecimento às obras do padre Antônio Góes

Durante sua atuação nas comunidades de Marauíá e de Maturacá, padre Antônio foi ganhando, aos poucos, a confiança e a amizade, principalmente dos adultos e das lideranças. Ele, à medida que queria apresentar elementos de seu mundo, colocou-se aberto a conhecer elementos do mundo Yanomami. Ele se permitiu imergir em ritos, como o uso do paricá e a participação nas celebrações da cremação de mortos (Reahu). Desta forma, ele foi se tornando, do mesmo modo, uma referência para os tuxauas das aldeias, sendo consultado para a tomada de algumas decisões em prol das comunidades (ALMEIDA, 2020).

Estes sentimentos recíprocos de solidariedade e respeito que o padre Góes dava e recebia de seus amigos indígenas, direcionaram-se às suas obras perante às comunidades, como as próprias missões. Desde a fundação das mesmas até os dias atuais, as lideranças tradicionais tanto de Maturacá (FERREIRA, 2017) quanto de Marauíá (SANTOS, 2016), reconhecem a utilidade e defendem a manutenção das casas missionárias.

Houve um fato bem emblemático que trata da defesa à missão por parte dos líderes Yanomami. Em 1969, por exemplo, quando o padre Antônio não estava mais atuando em Maturacá e estava em Marauíá, na primeira comunidade, houve um padre salesiano que não compartilhava com as ideias de seus colegas antecessores que trabalharam na missão Nossa Senhora de Lourdes, entendendo que as ações de capacitação dos indígenas para cultivarem a própria alimentação estava modificando seus costumes, tornando-os sedentários. Ele defendia que os Yanomami deveriam permanecer nômades ou seminômades, além de, possivelmente, não concordar com as práticas de educação direcionada aos Yanomami, posturas estas que vão ao encontro dos clamores de muitos antropólogos e indigenistas. Logo, ele se colocou contra a permanência da missão, propondo acabá-la. Porém, esta ideia foi rejeitada pelas lideranças indígenas, à época, sendo que os líderes entraram em consenso para expulsar o padre da região de Maturacá, solicitando a vinda de outro sacerdote para substituí-lo (SIMAS, 2012). Este fato pode ser tomado como exemplo do reconhecimento da importância que a presença da missão tinha para estes líderes que, apesar desta decisão, mantinham seus ritos milenares e davam limites para atuação dos missionários nas aldeias. Este reconhecimento se mantém ainda entre as lideranças tradicionais presentes, nos dias atuais, nas aldeias, sendo que alguns deles conheceram e conviveram, quando crianças e jovens, com o padre sergipano (ALMEIDA, 2020).

Todavia, é preciso ressaltar que a geração mais jovem de ambas comunidades, composta por estudantes universitários e professores bilíngues, os quais tiveram mais oportunidades de promoverem e participarem de debates políticos, bem como mais oportunidade de acesso às mídias sociais, repensa, de forma crítica e contundente, a permanência da missão. Ferreira (2017), em sua pesquisa de mestrado, depreendeu que, em Maturacá, os mais jovens, com idade entre 30 e 40 anos, depararam-se com a resistência dos mais antigos, que continuam defendendo a permanência da missão e as ações por ela prestadas.

Estes exemplos de reconhecimento da importância da missão por parte dos líderes tradicionais das aldeias de Maturacá e de Marauíá somam-se a outras iniciativas que compreendem posturas de homenagem ao fundador das missões salesianas entre os Yanomami. Em 2010, por exemplo, durante a reforma da Escola Estadual Indígena Imaculada Conceição da região de Maturacá, houve a construção de um Ginásio Poliesportivo. Os próprios Yanomami das comunidades desta região solicitaram à Inspeção Salesiana São Domingos Sávio que nomeassem o novo espaço escolar como “P. Antônio Góes”. Este importante espaço, cunhado com o nome do pioneiro missionário, é palco de relevantes ações, tais como atividades educativas, mutirões de assistência à saúde, apresentações culturais e reuniões de caráter político-decisório-deliberativo. Ou seja, este espaço tão representativo para todos os indígenas da região, foi direcionado como homenagem pelos próprios nativos ao saudoso padre Antônio Góes (ISMA, 2010; ALMEIDA, 2020).

Outra homenagem corresponde a uma escola localizada na comunidade Tamaquaré, umas das seis comunidades Yanomami que estão dentro do Parque Nacional do Pico da Neblina. Nesta comunidade, a escola, comumente conhecida como Escola Indígena Tamaquaré, foi denominada de “Pe. Antônio Góes”, sendo, então, outra referência ao missionário sergipano. Esta unidade escolar faz parte da rede municipal de educação do município de Santa Isabel do Rio Negro. Nela, são oferecidos a pré-escola, todo o ensino fundamental e o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Considerações Finais

Com o presente artigo, foi possível conhecer um pouco da atuação missionária do padre Antônio

Góes, inclusive, dos seus primeiros passos dados à educação Yanomami. Para tanto, foi feito o convite ao leitor de entender este indivíduo pelo olhar da História Cultural, compreendendo-o como fruto de seu espaço e de seu tempo. Padre Góes é conhecido e reconhecido como o primeiro não-indígena a promover contatos permanentes e pacíficos com os Yanomami do Amazonas desde o ano de 1952, fundando, anos mais tarde, duas missões salesianas entre os indígenas das comunidades de Maturacá e de Marauíá. É também conhecido como o primeiro a dar os passos para uma futura educação Yanomami, lançando mão, principalmente, da alfabetização na língua portuguesa e no ensino de plantio e cultivo de plantas frutíferas e tubérculos.

Apesar de no início de sua atuação entre os Yanomami ter enviado crianças e jovens para os internatos salesianos, padre Antônio ressignificou esta conduta e se tornou um dos primeiros salesianos a questionar o papel dos internatos, colocando-se como uma forte resistência a este modelo educacional. Com isso, aproveitou espaços das próprias missões para promover as atividades educativas junto aos nativos, proporcionando que crianças e jovens pudesse, ao término das atividades, voltar para as suas aldeias, mantendo o contato com seus familiares e ritmos culturais inerentes à sua tribo.

Apesar de as práticas educativas realizadas pelo padre Góes terem um caráter integracionista, apresentando os valores da cultura não indígena e a catequese, é possível depreender que a postura de resistência aos internatos foi um grande diferencial e a ação mais avançada que o padre Góes conseguiu apresentar naquele momento histórico, em meados dos anos das décadas de 1950 e 1960. Esta condução dele de não aceitar a construção de internatos entre os Yanomami é reconhecida pelos seus correligionários salesianos e pelos indígenas como um movimento que contribuiu, mesmo que de forma indireta, para a manutenção de ritos e ritmos autóctones dos nativos da região de Maturacá e de Marauíá. Além da resistência aos internatos, o seu legado pode ser percebido, até os dias atuais, pelas práticas de plantio, colheita e preparo de alimentos que foram ensinados aos indígenas por ele, colaborando para o aumento da variedade alimentar e para a melhoria do autossustento destas comunidades.

Vale pontuar que o missionário sergipano atuou em Maturacá até o ano de 1961 e ficou trabalhando em Marauíá até o final de 1975, meses antes de seu falecimento, em 26 de fevereiro de 1976. É inquestionável que, após estas datas muitas transformações educacionais, sobretudo as mais significativas delas, aconteceram quando o sacerdote salesiano já não estava mais entre os Yanomami. Muitas transformações ficaram a cargo de outros missionários que deram continuidade às missões por ele fundadas, bem como foram frutos da competência e do esforço dos próprios indígenas, que foram, paulatinamente, ocupando o espaço de protagonismo da educação Yanomami. Vale também destacar a atuação de Organizações Não Governamentais (ONG) que apoiaram os indígenas nas reflexões e nas tomadas de decisões educacionais visando a sustentabilidade e a valorização das culturas locais.

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, importantes avanços da educação indígena ocorreram, tais como: i) o direito ao ensino regular com o uso das línguas maternas e processos próprios de aprendizagem legalmente reconhecidos pela Carta Magna do Brasil; ii) a defesa do sistema de ensino intercultural para essas populações, de forma a trabalhar o conhecimento universal somado às memórias históricas e cultura de cada povo, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN 9394/96); iii) o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI (1998); iv) o Referencial para Formação de Professores Indígenas (2002) e v) o decreto presidencial Nº 6861, de 27 de Maio de 2009, referente aos Territórios Etnoeducacionais, o qual objetivou organizar as políticas públicas de acordo com a territorialidade, reforçando as orientações de documentos anteriores. Além destes avanços elencados, ocorreram tanto outros de igual relevância (AGUIAR & WEIGEL, 2020).

Mesmo com muitos progressos que contribuíram, ao longo do tempo, para o aumento do protagonismo dos Yanomami na construção e no compartilhamento de saberes, tomando a sua língua

materna como referencial de partida para todos os processos educativos, há muito que avançar, principalmente, no que se refere à implementação efetiva da educação escolar diferenciada, por meio de Escolas Diferenciadas Yanomami, que buscam, por meio da construção coletiva, desenvolver Projetos Políticos Pedagógicos que se preocupem em registrar as falas das lideranças tradicionais e dos sábios das aldeias, bem como o histórico de suas comunidades e de suas escolas, levando em conta os princípios e objetivos que são imprescindíveis para a escolarização deste povo (AGUIAR & WEIGEL, 2020).

Mesmo depois de passados 44 anos de seu falecimento, a imagem e o legado do padre Antônio Góes é lembrada, especialmente, pelas lideranças tradicionais. As homenagens a ele ofertadas como o Ginásio Poliesportivo “P. Antônio Góes”, em Maturacá, e a Escola Indígena “Padre Antônio Góes”, na comunidade de Tamaquaré, no Parque Nacional do Pico da Neblina, são exemplos de como sua trajetória missionária e presença pacificadora lhe conferiram respeito e reconhecimento por parte de muitos Yanomami, principalmente, por aqueles que tiveram a oportunidade de desfrutar de sua convivência e amizade.

[1] Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II

[2] Decreto *Ad Gentes* – sobre a atividade missionária da Igreja. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>.

[3] Cheirar o paricá trata-se de um ritual Yanomami em que um adulto sopra um alucinógeno chamado de *ëpena* (em forma de fino pó cinzento, extraído da árvore do paricá), repetidamente nas narinas de outro. Segundo Laudato (1998), os adultos inalam o *ëpena* todos os dias, motivados por várias ocasiões, como em rituais de exorcismos, em vigílias de lutas ou batalhas, bem como em outros ritos e cerimônias tradicionais. Usar o *ëpena* permite entrar em contato com os espíritos eternos, sendo também um pedido para proteção para toda comunidade.

Referências

AGUIAR, K.A.; WEGEL, V.A.C.M. Escolas Yanomami e o caminhar de sua educação escolar. In: MONTEIRO, S.A.S. **A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 2**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, pp. 242-253. 2020.

ALMEIDA, L.F. **Antônio José Góes**: uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas. Aracaju: Criação Editora. 2020. 278p.

ALMEIDA, L.F. Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami. In: SANTOS, J.L.S; MELO, J.I.O (org.). Padre Antônio Góes: uma vida dedicada aos Yanomami. **O Tapiri**: Comunicação Pastoral da Inspeção São Domingos Sávio (edição especial). Manaus: Editora FSDB, pp 09-19. 2018.

ASSUNÇÃO, P. Escrever a Educação Colonial: separar, reunir e transformar documentos. In: COSTA, C.J.; MELO, J.J.P.; FABIANO, L.H. **Fontes e Métodos em História da Educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, pp. 167 – 192. 2010.

AZEVEDO, W. I. **Pinceladas de luz na Floresta Amazônica**. São Paulo: Paulinas. 2007. 200p.

BIOCCA, E. **Viaggi Tra Gli Indi** – Alto Rio Negro/Alto Orinoco. ROMA: Consiglio O Nazionale Delle Ricerche. Secondo Volume, 1966a. 567 p.

CARVALHO, M.A.L. **Os movimentos políticos Yanomami**: análises da construção de suas demandas e reivindicações. 2015. 162p. Boa Vista, RR: Universidade Federal de Roraima, 2015. (Dissertação de mestrado).

COCCO, L. **Iyëwei-teri**: quince años entre los yanomamos. Caracas, Venezuela: Escuela Tecnica Popular Don Bosco Boleíta. 1972. 498p.

CONCEIÇÃO, J. T. **Internar para educar**: colégios-internatos no Brasil (1840-1959). 2012. 323p. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2012. (Tese de doutorado).

COSTA, M.G. “Os nossos suores que de boa vontade derramaremos”, ou os antecedentes da ação salesiana na Amazônia (1882-1915). In: COSTA, M.G. **A Ação dos Salesianos de Dom Bosco na Amazônia**. São Paulo: ed. Salesiana, pp. 12-37. 2009.

COSTA, M. G. **Pró-Menor Dom Bosco**: a história, as ações sócio -educativas, os cursos profissionais para adolescentes em situação de vulnerabilidade social (1979 -2003). Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Amazonas, 2004.

FACÃO, J. A. F. **A educação salesiana no internato de Barcelos analisada à luz do sistema pedagógico salesiano e da visão de ex-alunos**. Manaus: UFAM, 2008. 153 p.

FERGUSON, R.B. **Yanomami Warfare** - A political History. School of American Research Press - Santa Fe - New Mexico. 449p.

FERREIRA, M.I.M. “**Mulheres Kumirâyōma**”: uma etnografia da criação da Associação de Mulheres Yanomami. 2017. 207p. Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2017. (Dissertação de Mestrado).

GÓES, A. J. Incontro ai Macù. In: **Bollettino Salesiano**. Torino: via Maria Ausiliatrice. Anno 80, nº5, pp. 97 - 103. Marzo 1956.

INSPETORIA SLAESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA SÃO DOMINGOS SÁVIO. **Um novo espaço de lazer**. 14 de outubro de 2010. Disponível em <http://isma.org.br/2010/10/14/um-novo-espao-de-lazer/> . Acessado em: 2017 – 2020.

LAUDATO, L. **História-Crônica da missão “Sagrada Família” do Rio Marauíá – Rio Negro – Amazonas**. Marauíá/Santa Izabel do Rio Negro: Documento escrito em 21 de dezembro de 1983.

MASSA, P. **De Tupan a Cristo. Jubileu de ouro: Missões salesianas do Amazonas**. [Manaus]: [Prelazia do Rio Negro], 1965.

MENEZES, G.H.S. **Yanomami na Encruzilhada da Conquista: contato e transformações na fronteira amazônica**. 2010. 249p. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2010. (Tese de Doutorado).

REZENDE, J. S. Da escola com os salesianos para a escola indígena. In: COSTA, M. G. (org.). **A ação dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia**. São Paulo: Editora Salesiana. pp. 38 - 55. 2009.

SANTOS, L. O educador Yanomami: uma visão da educação indígena na contemporaneidade. In: LIMA, F.A.; RIBEIRO, A.A. (Org.). **O Tapiri: Comunicação Pastoral da Inspeção São Domingos Sávio**. Manaus: Editora FSDB, 2016, nº 181. Disponível em: <https://issuu.com/inspetoriasalesiana/docs/tapiri_181_digital>. Acessado em 2020.

SEITZ, G. J. Pico da Neblina: onde o Brasil é mais alto. In: **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, edição 560, pp. 67-71. 1963.

SIMAS, H.C.P. **Educação Escolar Yanomami e Potiguara**. 2013. 242p. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2013. (Tese de Doutorado).

VIEIRA, L.R. **Escola indígena diferenciada: a experiência Yanomami no Médio Rio Negro**. 2018. 157p. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).

*Artigo concebido com base em pesquisa autônoma e com base no livro “*Antônio José Góes: uma vida missionária de pioneirismo e de dedicação aos Yanomami do Amazonas*” publicado pelo autor.

****Leonardo Ferreira de Almeida.** Mestre em Ensino de Ciências Naturais e Matemática – Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão (SE)/ Especialista em Gestão Federal do SUS – Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês/ Analista Técnico de Políticas Sociais – Superintendência Estadual do Ministério da Saúde em Sergipe. E-mail: leonardofe.almeida@saude.gov.br; leoalmeida0811@yahoo.com.br.